

# SOBRE O FASCISMO

August Thalheimer

*Publicado pela primeira vez em 1930,  
em "Gegen der Strom" (Contra a Corrente),  
órgão teórico da recém fundada  
Oposição Comunista Alemã.*

## **Nota introdutória**

*No verão de 1928, entreguei à Comissão Programática da Internacional Comunista, da qual na época eu ainda era membro, um extenso documento relativo às questões programáticas. A seguir, trazemos à publicação o capítulo sobre o fascismo (deixando de lado algumas notas introdutórias) cuja publicação era por muitos desejada. Aqui são tratadas as questões básicas. Ao mesmo tempo, começamos uma série de artigos sobre o fascismo na Alemanha, suas premissas e tendências concretas.*

## I

O que aqui às vezes pode parecer sutileza teórica, pedantismo verbal, é do maior significado prático - sem uma extrema exatidão teórica, corremos o risco de cair nas maiores dificuldades práticas e em erros.

Naturalmente, ninguém pode ser censurado por não apreender de uma só vez, completa e corretamente, todos os traços essenciais deste objeto complexo, furta-cor e em constante transformação como um Proteus. Devemos aprender a exercer a crítica e autocrítica, a não ser prisioneiros das nossas próprias fórmulas defeituosas e incompletas.

Aqui também não é minha intenção fornecer fórmulas prontas, de encomenda, mas indicar pontos de vista para uma formulação definitiva.

O melhor ponto de partida para o exame do fascismo parece-me ser a análise de Marx e Engels do bonapartismo (Luis Bonaparte). Bem entendido, não coloco o fascismo e o bonapartismo no mesmo nível. Eles são, porém manifestações aparentadas com traços comuns bem como divergentes, os quais devem ser destacados.

Começo com um trecho do prefácio de Marx ao "18 Brumário" que diz:

*"Finalmente espero que meu folheto venha a contribuir para a eliminação, principalmente na Alemanha, da hoje usual expressão do **cesarismo**".*

Marx chama a atenção, em seguida, sobre a diferença básica entre o proletariado moderno e o antigo, do que resulta, além disto, que o antigo *cesarismo* e o moderno *bonapartismo* são coisas totalmente diferentes do ponto de vista de classe.

Marx sublinha a necessidade de uma análise de classe concreta.

Mas não apenas isto. Ao lado da análise das raízes de classe, sociais e históricas, do bonapartismo ele vê, como resultado, não apenas a existência de classes determinadas em uma sociedade dada, mas também a existência de uma relação determinada destas classes que é produzida historicamente e que por isso se desagrega historicamente, isto é, de uma determinada situação histórica. Examina também, exatamente, as formas de manifestação política do bonapartismo, suas raízes e expressões ideológicas, sua organização estatal e partidária.

Marx desenvolve minuciosamente como a burguesia francesa, depois de 1846 - 1849, para salvar sua existência social, diante do levante da classe operária nas batalhas de junho, abandona a sua existência política e se entrega à ditadura de um aventureiro e seu bando:

*"Assim, denunciando agora como "socialista" tudo o que anteriormente festejava como "liberal", a burguesia reconhece que seu próprio interesse exige que ela se livre do perigo do auto-governo ("self government", no original); que a fim de restaurar a calma no país, antes de mais nada, o seu parlamento burguês deve ser silenciado; que a fim de conservar intacto seu poder social o seu poder político deve ser quebrado; que o burguês particular só pode continuar a explorar as demais classes e se regozijar sem preocupações com a propriedade, a família, a religião e a ordem, sob a condição de que a sua classe seja condenada, junto com as outras classes, à nulidade política; que a fim de salvar a sua bolsa, deve abrir mão da coroa, e a espada que deve protegê-la, seja colocada fatalmente sobre a sua própria cabeça, como a espada de Damocles".*

**(O 18 Brumário de Luis Bonaparte, destaques meus, A. Th.).**

A burguesia é, portanto, uma das bases sociais do bonapartismo, porém, para salvar a sua existência social em uma determinada situação histórica, abandona o poder político – submete-se ao "poder autonomizado do Executivo". A outra profunda e ampla base social da autonomização do Poder Executivo, da ditadura de Bonaparte e de sua "quadrilha", é o camponês parcelário (o pequeno e o micro camponês) isto é, não o revolucionário, mas o conservador camponês parcelário, portanto, não o que se rebela contra as relações de propriedade burguesas, mas aquele que deseja ver a sua propriedade privada camponesa mantida e defendida da ameaçadora revolução proletária. Esta defesa, esta proteção, a classe camponesa não pode por si só exercer, em consequência da sua dispersão econômica e social, em consequência da falta de uma organização social e econômica própria.

*"Mas, na medida em que existe entre os pequenos camponeses apenas um relacionamento local e em que a similitude de seus interesses não cria entre eles comunidade alguma, nenhuma unidade nacional e nenhuma organização política, nessa medida não constituem uma classe. Eles são, portanto, incapazes de fazer valer seus interesses de classe em seu próprio nome, seja através de um parlamento, seja através de uma assembléia. Eles não podem se representar, precisam ser representados. O seu representante precisa ao mesmo tempo aparecer acima deles como um senhor, como uma autoridade, com um ilimitado poder governamental que os proteja das outras classes e que do alto lhes envie o sol ou a chuva. A influência política do pequeno camponês, portanto, encontra a sua expressão final no fato de que o Poder Executivo submeta a sociedade ao seu domínio".*

No que diz respeito à classe operária, ela participa no surgimento do bonapartismo na medida em que partiu para a derrubada revolucionária da sociedade burguesa, insuflou-lhe medo e pavor, mas ainda não se mostrou capaz de tomar para si o poder e mantê-lo. Uma grave derrota do proletariado em uma profunda crise social é, portanto, uma das premissas do bonapartismo.. Por outro lado, o bonapartismo está dividido em diferentes setores e partidos: a cisão da burguesia, o surgimento das contradições entre as suas diversas camadas é, por sua vez, novamente um efeito da derrota da classe operária (e depois disto da pequena-burguesia). O Poder Executivo aparece agora para a burguesia como o almejado representante dos interesses comuns de suas diversas camadas, que não podem mais por si só realizar esta unidade.

Engels salientou especialmente este ponto de vista quando mais tarde, na introdução à terceira edição da "Guerra Civil na França", disse:

*"Se o proletariado não estava ainda em condições de governar a França (depois de 1848), a burguesia já não podia continuar governando-a. Pelo menos naquele momento, em que a sua maioria era ainda de tendência monárquica, e se encontrava dividida em três partidos dinásticos e um quarto, republicano. Suas desavenças internas permitiram ao aventureiro Luis Bonaparte se apossar de todos os instrumentos do poder - Exército, polícia, aparelho administrativo - e, em 2 de dezembro de 1851, fazer saltar aos ares a última cidadela da burguesia, a Assembléia Nacional".*

## II

No seu artigo póstumo sobre "Violência e Economia na Construção do Novo Império Alemão" (Neue Zeit, XIV, 1, 1896), Engels refere-se também à contradição do salvamento do domínio social da burguesia por Luis Bonaparte, mediante o aniquilamento de seu domínio político:

*"Luis Napoleão era então o ídolo da burguesia européia. Não apenas por ter salvado a sociedade em 2 de dezembro de 1851, quando destruiu o domínio político da burguesia, mas somente para salvar o seu domínio social".*

Engels caracteriza da seguinte maneira o conteúdo social do domínio de Luis Bonaparte em relação à burguesia:

*"Como imperador, não só colocou a política a serviço do lucro capitalista e das negociatas da Bolsa, como também exerceu a política completamente segundo os princípios da Bolsa de Capitais e especulou sobre 'o princípio da nacionalidade'".*

Marx, além disso, fornece no "18 Brumário" uma análise do mecanismo de dominação de Luis Bonaparte, de seus suportes e meios organizatórios. Lá está em primeiro lugar a organização partidária secreta de Luis Bonaparte, a "Sociedade de 10 de dezembro".

De que é socialmente constituída? Em primeiro lugar do "lumpen proletariado parisiense organizado em seções secretas, com os generais bonapartistas à frente". Em segundo lugar de elementos burgueses desclassificados: "Roués (libertinos) arruinados, jogadores, literatos etc". Além disto, a nobreza desclassificada. Finalmente elementos camponeses desclassificados. Marx

resume o conjunto sob o nome de "bohème". São, portanto, desclassificados de todas as classes, dos quais Luis Bonaparte se utiliza para construir a sua organização partidária, que lhe é característica, e os quais ele agrupa em torno de si como pessoas de confiança, funcionários, etc... Isto não é um acaso, pelo contrário, está na essência do objeto. Desenraizados social e economicamente, elementos parasitas de todas as classes, eliminados da produção imediata, são a matéria e os instrumentos naturais do "poder executivo autonomizado". Nesta escória social as diferentes características de classes são apagadas. Está livre de ligações ideológicas etc, com cada uma das classes da qual é o entulho e, portanto podendo ser colocada acima delas e manobrar entre elas. Por outro lado, representa não a superação revolucionária desta característica de classe, mas a contra-revolucionária, a negação do princípio de classe burguesa que permanece no quadro deste princípio. O ladrão, por exemplo, executa a superação da propriedade privada ainda no terreno da propriedade privada. Ele supera a propriedade privada de outros para restabelecê-la individualmente para si. A famosa frase de Proudhon: "La propriété c'est le vol", (A propriedade é o roubo), vale também ao contrário: "Le vol c'est la propriété", o roubo é a propriedade. E assim são estes desclassificados de todas as classes, ao mesmo tempo carne da carne, miolo do miolo da propriedade privada, da sociedade burguesa e, portanto capazes, na medida em que aniquilam o seu domínio político, de ao mesmo tempo defender o seu domínio social e de protegê-la contra a classe e as classes que representam a superação revolucionária da sociedade burguesa, a superação social da propriedade individual burguesa, do proletariado industrial e das camadas proletarizadas do campesinato.

Economicamente, estes elementos desclassificados, estes parasitas de todas as classes, têm uma tendência natural em assegurar-se uma fonte de existência na máquina do governo e na máquina partidária bonapartista. Daí o enorme crescimento do aparato executivo autonomizado. Sob este ponto de vista, vale a pena também examinar mais de perto a parte militar do aparato de Estado bonapartista. Ele também possui características sociais próprias e, relacionadas com estas, características militares e organizatórias. Ouçamos novamente Marx:

*"Finalmente, o ponto culminante das "idéés napoléoniennes", é a preponderância do Exército. O Exército era o "point d'honneur" (ponto de honra) dos pequenos camponeses, eles próprios transformados em heróis, defendendo suas novas propriedades contra o mundo exterior, glorificando a sua nacionalidade recém conquistada, pilhando e revolucionando o mundo. A farda era o seu próprio manto de poder; a guerra a sua poesia; a pequena propriedade, ampliada e alargada na sua imaginação a sua pátria, e o patriotismo a forma ideal do sentimento de propriedade. Mas os inimigos contra os quais o camponês francês tem agora que defender a sua propriedade, não são os cossacos, são os "huissiers" (Oficiais de Justiça) e os executores de impostos. A pequena propriedade (parcela) não está mais abrangida no que se chamada Pátria, mas sim nos livros de hipotecas. O próprio Exército já não é mais a flor da juventude camponesa, mas a flor do pântano do lumpen-proletariado camponês. Ele é composto na maior parte de "remplaçants", de substitutos, do mesmo modo que o próprio anão Bonaparte é apenas um "remplaçant", um substituto de Napoleão. Seus atos heróicos consistem agora em caçar camponeses em massa, como antílopes, em servir de gendarme e, quando as contradições internas do seu sistema expulsarem o chefe da Sociedade de 10 de Dezembro para*

*fora das fronteiras francesa, seu exercito, depois de alguns atos de banditismo, colherá não louros, mas porretadas”.*

O exército bonapartista consiste de elementos camponeses desclassificados. O serviço militar é para eles profissão substituta para a parcela perdida ou não obtida. São na maior parte soldados profissionais com tempo de serviço de muitos anos, que podem ser usados para qualquer objetivo contra-revolucionário, mas do ponto de vista militar representam um fator duvidoso, pois não estão dispostos a morrer pelo seu soldo e sim viver bem com ele. Quando separados de sua origem de classes são os instrumentos de poder adequados para o “executivo autonomizado”, que é obrigado a consolidar e ainda fortalecer seu antagonismo com a massa popular. Aqui a corrupção tem que se aprofundar cada vez mais. Por isto eles são ao mesmo tempo o instrumento menos adequado possível para defender a existência nacional em uma guerra séria com o exterior. A previsão de Marx sobre a futura derrota do exército bonapartista em 1870/71 estava baseada na profunda e aguda análise de classe deste exército.

Finalmente, Marx caracteriza o papel da tradição bonapartista da lenda de Napoleão para o domínio de Luis Bonaparte. A força da lenda napoleônica baseava-se na unificação de três momentos. Primeiro, o nacional: a glória das guerras napoleônicas. Segundo, o revolucionário: a luta contra o feudalismo fora da Europa, como a defesa da propriedade camponesa conquistada revolucionariamente contra os senhores feudais franceses, os emigrantes que em aliança com a Europa feudal ameaçavam a parcela camponesa. E em terceiro lugar, a submissão da burguesia ao exército revolucionário e ao seu herói Napoleão, a privação dos seus direitos políticos e a domesticação de seus apetites de exploração.

Finalmente Marx desenvolve as contradições internas do sistema bonapartista que o corroem e que tem de causar a sua dissolução final:

*“Bonaparte, como o poder autonomizado do Executivo, sente como seu desígnio assegurar a “ordem burguesa”. Mas o sustentáculo desta ordem burguesa é a classe média; ele se reconhece, portanto como representante da classe média e promulga decretos nesse sentido. No entanto, ele só é alguém por ter quebrado o poder político da classe média e por quebrá-lo novamente todos os dias. Portanto, ele se reconhece como adversário do poder político e literário da classe média. Porém, na medida em que protege o poder material dela, produz novamente seu poder político. A causa, portanto, precisa ser mantida viva, mas o efeito, onde aparecer, tem que ser liquidado. Porém, isso não pode se dar sem pequenas confusões de causa e efeito, pois ambas na ação recíproca perdem suas características de diferenciação. Daí, novos decretos, que confundem a linha demarcatória. Diante da burguesia Bonaparte se considera ao mesmo tempo representante dos camponeses e do povo em geral, que deseja tornar felizes as classes baixas do povo dentro da estrutura da sociedade burguesa. Daí, novos decretos, que roubam antecipadamente os “verdadeiros socialistas” sua arte de governar. Mas Bonaparte considera-se antes de tudo como o chefe da Sociedade de 10 de Dezembro, como representante do lumpen-proletariado, ao qual pertencem ele mesmo, seu “entourage”, seu governo e seu exército, e cujo interesse primordial é colher benefícios e retirar “bilhetes de loteria californianos” do Tesouro do Estado. E ele se confirma como chefe da Sociedade de 10 de Dezembro com decretos, sem decretos, apesar de decretos”. (O 18 Brumário).*

### III

Finalmente encontramos características e perspectivas globais do bonapartismo ou "imperialismo" (não no sentido moderno) como forma do poder estatal burguês em uma determinada situação da sociedade de classes, na "**A Guerra Civil na França**". Aqui diz Marx:

*"O Império, tendo o golpe de estado como certidão de nascimento, sufrágio universal por sanção e a espada como cetro, alegava apoiar-se nos camponeses, numa grande massa de produtores que não estavam envolvidos diretamente na luta entre o capital e o trabalho. Alegava salvar a classe operária, na medida em que quebrava o parlamentarismo e com ele o indisfarçável servilismo do governo em relação às classes proprietárias. Alegava salvar as classes proprietárias através da manutenção da sua soberania econômica sobre a classe operária; e, finalmente, alegava unificar todas as classes através da ressurreição da quimera da glória nacional. Na realidade era a única forma de governo possível, num momento em que a burguesia já tinha perdido a capacidade de governar o país e em que a classe operária ainda não tinha adquirido esta capacidade. (...) O imperialismo é a forma mais prostituída e ao mesmo tempo a forma final daquele poder estatal, que foi criado pela sociedade burguesa emergente como instrumento da sua própria libertação do feudalismo e que a sociedade burguesa completamente desenvolvida transforma em um instrumento da opressão do trabalho pelo capital".*

Este trecho é da maior importância exatamente para a compreensão do caráter do fascismo. Marx destaca aqui no bonapartismo ou imperialismo os seus traços gerais, internacionais. Ele não leva em conta os traços específicos franceses, e os toma como uma forma de manifestação típica, como uma típica forma do poder de Estado da sociedade capitalista em determinado estágio de seu desenvolvimento. Ele é, segundo Marx, a forma "final", ou seja, a última forma do poder de Estado burguês, a forma que o poder de Estado assume na sociedade burguesa completamente desenvolvida, a mais prostituída, ou seja, a forma mais degenerada e podre. Expressando de outra maneira, é a forma de poder de Estado com a qual a sociedade burguesa desaparece, seu último refúgio da revolução proletária e ao mesmo tempo sua ruína, porque a sua última perdição.

Aqui o leitor pára para pensar. Não é evidente que aqui a análise de Marx caiu num beco sem saída? O "bonapartismo" ou "imperialismo" (no sentido antigo) seria a última forma do poder de Estado do burguês? Porém, responderá imediatamente, a Terceira República na França mesmo em 1870, não substituiu o sistema bonapartista, depois da sua derrubada como consequência de Sedan e depois do curto episódio da Comuna? Só cronologicamente, portanto concluirá, o bonapartismo não é, pois a "final", ou a última forma do poder de Estado burguês. Na França, de qualquer modo, é a república burguesa parlamentar. Depois perguntará: Se o bonapartismo é a última e mais podre forma do poder estatal burguês, o que é então o fascismo? Além disso: o bonapartismo seria a forma de estado da "dominação burguesa completamente desenvolvida"? Mas o capitalismo encontrava-se na França de Luis Bonaparte ainda no estágio da livre concorrência. Desde então o capitalismo atingiu uma fase superior, a do monopólio, inclusive também na França. Seguramente o capitalismo imperialista pode ser com muito mais razão caracterizado como "*domínio burguês mais plenamente desenvolvido*"

do que o pré-imperialista. Mas onde se situa aí o bonapartismo? Ou se quisermos, de boa vontade, nos deixar convencer da forma de Estado fascista como um equivalente moderno do bonapartismo: então a forma estatal fascista não é dominante nos países capitalistas mais desenvolvidos, nos Estados Unidos da América, na Inglaterra, na Alemanha, na França. Aqui é a república parlamentar burguesa a forma estatal, no caso inglês ainda com a coroa como decoração externa. A forma estatal fascista domina exatamente nos países os quais no desenvolvimento capitalista certamente não se encontram à frente. Na Itália, que na perspectiva do desenvolvimento capitalista certamente está atrás de todos os países citados, com uma percentagem maior de população no campo do que os países citados, com ainda fortes influências feudais na agricultura (principalmente na Sicília). Na Polônia, na Bulgária, países com indústria fraca, com a população principal no campo, falando em termos capitalistas, atrasados. E isto é ainda mais válido para a Espanha.

Este novelo de contradições é, porém, exatamente indicado para nos esclarecer sobre a profundidade e a agudeza da análise de Marx, retirar dela o núcleo essencial e com isto também encontrar a chave para o caráter do fascismo.

É claro que, baseado nos fatos citados, o bonapartismo não pode ser entendido apenas superficial e cronologicamente como forma estatal "final" da sociedade burguesa; e que também não seria uma simples função do grau de desenvolvimento econômico da sociedade burguesa. Neste caso, já se poderia ter acusado a análise de Marx naquela época que a Inglaterra, em comparação com a França, nos anos 1850 / 1870, seria sem dúvida o país mais desenvolvido em termos capitalistas e com muito mais direito deveria ser caracterizada como o país do "domínio burguês plenamente desenvolvido". A solução resulta clara do que foi dito acima.

O decisivo é o conjunto das relações de classe de um determinado país, de uma determinada sociedade. O bonapartismo, a autonomização do poder executivo, é a forma "final" e ao mesmo tempo a forma mais podre do poder de Estado burguês no estágio em que, depois desta sociedade ter sido ameaçada ao máximo pelo assalto da revolução proletária, e depois da burguesia ter esgotado as suas forças na defesa deste assalto, quando todas as classes jazem esgotadas e sem forças e em que a burguesia procura defesa mais poderosa para o seu domínio social. O bonapartismo é, portanto, uma forma do poder do Estado burguês numa situação de defesa, de fortificação de uma nova consolidação contra a revolução proletária. É uma forma da ditadura aberta do capital. Sua outra forma bastante semelhante é a do Estado fascista. O denominador comum é a ditadura aberta do capital. Sua forma de manifestação é a autonomização do poder executivo, o aniquilamento do domínio político da burguesia, e a submissão política de todas as outras classes sociais ao poder executivo. Seu conteúdo social, ou de classe, porém, é o domínio da burguesia e dos proprietários privados em geral, sobre a classe operária e todas as outras camadas exploradas pelo capitalismo.

O bonapartismo é a forma "final" do poder de Estado burguês na medida em que é uma forma de ditadura aberta capitalista e esta surge quando a sociedade burguesa chegar a beira de seu túmulo, quando for mortalmente ameaçada pela revolução proletária. O mesmo está na essência do fascismo: uma forma da ditadura aberta capitalista.

Aqui se encontra a correção mais importante a ser feita, tanto em Marx, quanto na parte do projeto de programa que trata do fascismo. Constitui-se apenas de uma pequena palavra. Ao invés de dizer que o fascismo é a ditadura aberta da burguesia, deve ser colocado: *é uma forma dessa ditadura aberta*.

O Comitê Central do Partido Comunista da Itália dá a seguinte definição do fascismo em suas teses para a Segunda Conferência do Partido sobre a situação na Itália e as tarefas do Partido:

*"O que é o fascismo? Nós já tínhamos definido o fascismo como a tentativa de estabilização do capitalismo italiano, isto é, do capitalismo de um país principalmente agrário, provido de matérias primas, mercado externo. As formas de estabilização capitalista são diferentes de país para país e correspondem à estrutura econômica dos diferentes países e ao grau de sua riqueza. O fascismo não representa um grau mais desenvolvido do capitalismo italiano. Ele desenvolveu apenas novas formas de organização industrial (trustes, etc.) e de organização bancária (padronização dos bancos emissores), mas estas novas formas permanecem à serviço da economia política tradicional da classe dominante italiana, são além disso um meio com o qual esta política sob novas condições prossegue e é agravada. O fascismo apresenta por isto uma forma capitalista superior da organização do Estado, um tipo de organização através da qual o Estado se funde mais estreitamente com os grupos dirigentes do capitalismo e intervém no processo de produção, depois de ter concentrado e aglomerado as forças". (Lo Stato Operário, 11,3, março de 1928).*

A carência desta definição é que, no que diz respeito ao conteúdo social, a forma política especial do fascismo, seu caráter de forma especial do poder de Estado burguês, não se revela. A estabilização do capitalismo na Alemanha e na Itália tem no fundamental o mesmo conteúdo econômico e social, mas as formas do poder de Estado sob as quais um e outro se realizam são diferentes. A forma do poder de Estado é, portanto na definição do fascismo a diferença específica, a característica tipológica.

O mesmo vale para o bonapartismo. A correção é formalmente insignificante, mas em relação ao conteúdo, de grande alcance. Apliquemos em seguida esta conclusão ao passado. Que o fascismo seja uma espécie, um tipo de "forma final do poder de estado burguês" é provado pela Comuna. Ao colapso do bonapartismo seguiu-se a revolução proletária. Ela foi depois de curto tempo derrubada; o proletariado francês conseguiu na verdade, por alguns meses, estabelecer o seu domínio, mas não conseguiu manter-se nele. Mas o bonapartismo também já não podia ser restabelecido. A derrota catastrófica do bonapartismo, exteriormente, contra a Alemanha, destruiu a lenda napoleônica até as raízes. A isso foi acrescentado o efeito da corrupção do sistema. Suas contradições internas tiveram este efeito, principalmente em relação à burguesia. O fortalecimento material da burguesia, que o bonapartismo precisou incentivar, enquanto lhe negava o poder político levou, por outro lado, ao fortalecimento político dela. Ela agora queria e podia depois de ter dominado a Comuna, dominar também politicamente de maneira direta. Da mesma forma o campesinato estava fortalecido politicamente. Queria participar do governo. Luis Bonaparte lhe tinha trazido a guerra, ele queria a paz. A classe operária, porém acabava de provar no levante da Comuna o crescimento da sua força e maturidade em relação a 1848. Estava claro para a burguesia que depois da experiência de vários anos de regime bonapartista a



classe operária já não podia ser oprimida de forma aberta e ditatorial. Podia se conceder a ela agora, depois de ter sido derrotada, a fachada de uma democracia burguesa. E finalmente, a derrota que sofrera com o exército bonapartista de "substitutos", dos soldados profissionais tornou claro à burguesia francesa que o Exército teria de ser colocado sob outra base organizatória, ou seja, uma estrita execução do serviço militar obrigatório geral, redução do tempo de serviço, para poder convocar não apenas o lumpen-proletariado do campo, mas toda a massa popular sujeita ao serviço militar. Mas, sem exército bonapartista, não há bonapartismo como forma de poder de Estado.

O resultado foi a república parlamentar burguesa, a forma estatal da burguesia material e politicamente fortalecida e da classe operária fortalecida ao mesmo tempo.

A base principal de Luis Bonaparte na burguesia não era a velha aristocracia bancária e financeira (a que dominou sob o rei burguês Louis Philipp), mas a jovem, ascendente burguesia industrial ainda fraca e sem tradição, sem formação política e sem sólida formação partidária. Ela ainda não estava em condições de governar por si mesmo. Luis Bonaparte, "*parvenu*" e aventureiro, era o protetor que correspondia a esta burguesia de novos ricos. A derrota militar de Luis Bonaparte, junto com o fortalecimento dela durante o período de 1850-1870, criaram as premissas para a sua independência política na Terceira República. As surras militares com as quais o domínio de Luis Bonaparte terminou foram uma drástica escola política para ela (também para a burguesia alemã mostrou-se o valor educativo político que as derrotas militares possuem). Se as derrotas que a Alemanha de Bismarck infligiu a Luis Bonaparte em 1870-1871 liquidaram o bonapartismo, a França retribuiu a medida na primeira guerra mundial quando, em frente com os aliados, derrotou a Alemanha imperial, derrubou o regime Hohenzollern—Bismarck e colocou a grande burguesia prussiano-alemã diretamente no poder (não só marechais derrotados, também classes derrotadas aprendem bem).

Formas de ditadura aberta da burguesia não são, portanto, segundo a sua essência, manifestações únicas: estão ligadas a uma determinada manifestação global das classes e voltam a surgir periodicamente logo que esta relação reapareça - enquanto a derrubada desta ou daquela forma da ditadura capitalista não trazer o domínio duradouro da classe operária, através do qual este ciclo, pelo menos no país em questão, for concluído.

Do que foi dito, verifica-se também porque não surgiu na Inglaterra depois de 1848/1849, a ditadura aberta da burguesia. Esta, social e politicamente, já era poderosa demais para isto. A marcha dos Cartistas de 1848 foi somente um episódio sem importância, que provou a impotência da classe operária inglesa de abalar seriamente a sociedade burguesa. Por isto também, chegando ao presente, em 1923, na Alemanha não houve nenhuma vitória do fascismo, que na sua primeira prova falhou vergonhosamente, mas da grande burguesia que consolidou o seu domínio político direto na forma da república burguesa parlamentar. Por isso também não existe hoje nenhuma forma fascista de poder de Estado na América, na Inglaterra, na França.

#### IV

Chegamos agora à forma atual da ditadura aberta da burguesia na Itália, o Estado fascista. São evidentes os traços essenciais comuns à forma

bonapartista de ditadura: novamente a "autonomização do poder executivo", a submissão política de todas as massas ao poder de Estado fascista inclusive da própria burguesia, ao lado do domínio social da grande burguesia e dos grandes proprietários de terra. O fascismo quer, como o bonapartismo, ser ao mesmo tempo o benfeitor geral de todas as classes; por isto a constante intriga de uma classe contra a outra, o permanente movimento de contradições internas. O aparato de dominação tem também os mesmos traços. O partido fascista é a contrapartida do "*bando Decembrista*" de Luis Bonaparte. Sua composição social: desclassificados de todas as classes, da nobreza, da burguesia, da pequena-burguesia urbana, do campesinato, do operariado.

No que diz respeito à classe operária, aqui relacionam-se dois pólos opostos da desclassificação: embaixo, o lumpen-proletariado, "acima" parte da burocracia e aristocracia operária dos sindicatos e partidos reformistas. A semelhança se dá também no que diz respeito ao poder militar. A milícia fascista é socialmente a contrapartida do exército bonapartista. Ambos são fonte de existência para elementos desclassificados. Ao lado dela existe na Itália o Exército do serviço militar obrigatório geral. Não encontra nenhuma contrapartida na França. A sua existência ao lado da milícia fascista corresponde à necessidade da organização do Exército sob condições imperialistas, que fazem com que um simples Exército profissional ou de mercenários pareça a todos insuficiente, e exigem Exército de massa com a máxima extensão do serviço militar obrigatório. Da mesma maneira encontram-se concordâncias na situação da luta de classes da qual se origina aqui a forma bonapartista e lá a forma fascista de poder de Estado. No caso do fascismo italiano, como no caso do bonapartismo, um assalto fracassado do proletariado, com a conseqüente decepção da classe operária, a burguesia esgotada, confusa, sem energia, procurando por um salvador que lhe consolide o poder social.

Concordância também na ideologia: como meio principal a idéia "nacional", a luta aparente contra a corrupção parlamentar e burocrática, investidas simuladas contra o capital, etc. Traços semelhantes nos "heróis" do golpe de estado.

Engels destaca no trabalho já acima mencionado, sobre a "*Violência e Economia na Construção do Novo Império Alemão*", os seguintes traços no "herói" do golpe de estado, que o capacitam para desempenhar o seu papel:

*"Lavado com todas as águas, conspirador carbonarista na Itália, oficial de artilharia na Suíça, malandro de boas maneiras, e impostor na Inglaterra, mas sempre e em todas as partes pretendentes".*

A burguesia — diz ele adiante — vê o primeiro "*grande estadista*", carne da sua carne — ele é como ela "*parvenu*". Também Mussolini é "*parvenu*" proveniente da classe operária é mais adequado que o originário da pequena nobreza, como era o caso de Bonaparte. A atividade de Luis Bonaparte junto aos carbonários italianos corresponde a de Mussolini junto à social-democracia italiana. Hoje em dia, principalmente, a passagem pela social-democracia é obrigatória para os "grandes estadistas" e salvadores sociais da burguesia. E mais recentemente ainda, a passagem pelo comunismo: veja China. No caso de Mussolini como no de Luis Bonaparte, muitos anos de emigração, de miséria. Elas aguçam em determinadas naturezas a fome pelo poder e pela riqueza, o conhecimento das pessoas, fortalece a vontade, e criam a necessária flexibilidade. Isto produz sob determinadas condições, objetivas e

subjetivas, revolucionários rijos e experientes, sob outras, aquele golpista cínico e contra-revolucionário, "lavado com todas as águas".

As contradições internas do sistema, tanto aqui, como lá, são semelhantes na essência. A contradição entre o fortalecimento material e social da burguesia junto a sua opressão política. A aparência de proteção dos interesses materiais do proletariado, junto com a sua verdadeira entrega ao capital. O Estado fascista, como "*intermediário*" entre a burguesia e a classe operária, que como tal precisa se movimentar permanentemente em contradições práticas. O mesmo em relação aos camponeses e pequeno-burgueses. O fascismo e o bonapartismo prometeram "calma e segurança" à sociedade burguesa. Mas para provar a sua necessidade absoluta como permanente "salvador da sociedade", precisavam apresentar a sociedade como constantemente ameaçada: portanto, permanente falta de calma e segurança. Os interesses materiais da burguesia como do campesinato exigem poupança de finanças públicas, um "regime de economia". Os interesses materiais dos bandos parasitários dos quais se recrutam as organizações partidárias fascistas, os funcionários estatais e comunais fascistas, a milícia fascista, exigem ao contrário o constante crescimento e enriquecimento da máquina estatal e da máquina partidária fascista. Daí lesões alternadas de ambos os interesses. Cada limitação dos bandos fascistas no interesse da "calma e ordem" burguesa, bem como da economia, precisa ser imediatamente compensada através de uma nova permissão de excessos terroristas, saques, etc.

As contradições internas, bem como a ideologia nacional imperialista empurram o ditador à investidas no Exterior, e finalmente à guerra. Mas aqui a contrapartida italiana a Luis Bonaparte choca-se não só com a velha contradição de que o instrumento do domínio militar interno, neste caso a milícia nacional, por causa da sua função interna como da sua composição social torna-se imprestável como instrumento de conquista imperialista contra países que ainda não foram estrangidos a criar a "mais prostituída" de todas as formas de poder de Estado burguês, como também com as demais contradições entre as tropas privilegiadas fascistas e o Exército regular.

Que diferenças essenciais existem entre o bonapartismo e o fascismo? Elas são em parte condicionadas localmente - pela diferença local das relações de classe, das tradições históricas, etc. Na França e na Itália elas se originam em parte na modificação do caráter geral da sociedade burguesa e do sistema capitalista.

É devido naturalmente à tradição histórica local, que o ditador na França, por causa da lenda napoleônica e do papel que ela desempenha junto ao campesinato, surja como "Imperador"; e que na Itália ele precise se contentar com o papel de "*Duce*" e deixar a coroa existir ao seu lado. Ao invés da máscara napoleônica, a romano-antiga, peninsular e cesariana, mais artificial que aquela. Estas diferenças, porém são sem importância.

Mais importantes são as diferenças que provém da mudança do caráter geral do capitalismo. O terceiro Napoleão agia ainda na época do capitalismo da livre concorrência e das revoluções burguesas inacabadas na Itália e Alemanha. O mandato revolucionário ao qual Napoleão I por certo tempo teve direito, e que Napoleão III procura explorar, trabalha agora contra ele. Na guerra contra a Itália atrai o movimento de libertação italiano, para em seguida afastá-lo de si, na medida em que, no interesse de suas conquistas dinásticas, o abandona depois de breve apoio. Na guerra franco-alemã choca-se diretamente com os interesses revolucionários da Alemanha por uma

unidade nacional e se despedaça em consequência. A guerra dinástica de conquista que, movida pela lenda napoleônica e pelas contradições internas do sistema, precisa conduzir, está fora de tempo: tardia por não representar mais nenhum princípio revolucionário; precoce, por não poder ainda representar o princípio imperialista no sentido moderno, na falta de bases econômicas adequadas. A política externa de Mussolini, pelo contrário, é desde o início baseada e dirigida de forma imperialista, no sentido moderno da palavra. Ela é assim "moderna" mesmo que fantasiada de antiga, porém desde o início e, abertamente, reacionária. Ela tem que se despedaçar na contradição, de um lado, entre os objetivos exagerados que se coloca e os meios escassos para a sua execução, e por outro lado na contradição entre a conformação e a estrutura social de uma organização militar, correspondente à necessidade de demolir todas as classes da sociedade para viver às suas custas, e as necessidades de condução da guerra imperialista, que dela divergem.

Uma outra diferença, que está condicionada pelo desenvolvimento geral da sociedade burguesa, e pelo estado das lutas de classes internacionais, mostra-se nos princípios organizatórios e meios do poder de Estado fascista. O "bando decembrista" de Luis Napoleão era a contrapartida às pequenas organizações revolucionárias secretas da classe operária francesa de então. O partido fascista é a contrapartida contra-revolucionária ao Partido Comunista Soviético. Ele é, portanto, diferentemente do de Luis Napoleão, desde o início uma ampla organização de massas. Isto o torna mais forte em determinados períodos, mas aumenta também as contradições no seu interior, as contradições entre o interesse social destas massas e o interesse das classes dominantes, às quais foi colocado a serviço.

Tratemos ainda rapidamente do fascismo na Polônia. A base para a ditadura fascista de Pilsudski é aqui também um assalto revolucionário do proletariado que fracassou (a guerra russo-polonesa de 1920) e por outro lado, a fraqueza, falta de energia e desarmonia da burguesia local, que não conseguiu chegar a uma ação unitária nem mesmo no sentido da estabilização econômica. O interesse contra-revolucionário da burguesia, e dos latifundiários é a base social do Estado fascista na Polônia; o fascismo conseguiu com facilidade se aproveitar da decepção da massa camponesa por causa da sabotagem existente até então da reforma agrária, apesar de sua política servir claramente aos interesses dos latifundiários e da camada superior do campesinato. O "herói" do golpe de estado apóia-se ideologicamente na tradição da luta de libertação nacional revolucionária, organizatoriamente nos legionários, na sua decepção com o resultado da luta de libertação nacional - a podridão burguesa - e na sua necessidade econômica de um ganha-pão, que no campo da produção não pode ser satisfeita. Portanto, também desclassificados de todas as classes como material do Exército fascista. A organização partidária é formada por renegados de todos os partidos, os quais são dirigidos por antigos terroristas e legionários ajudantes do Marechal. Na Polônia, porém, já surge um fator, que é decisivo na Espanha e em uma série de outros países. Lá o "estado fascista", apenas aparentemente se equipara ao fascismo italiano e ao bonapartismo francês, enquanto a essência de classes é fundamentalmente diferente.

Escolho para ilustração os casos extremos do regime, das formas do poder de Estado nas repúblicas sul-americanas. O Exército é também aqui o portador do poder político, o "executivo autonomizado". Costumeiras mudanças de curso político realizam-se através de golpes militares os quais, apesar da violência aparente, de forma alguma são revolucionários, pois nada modificam

basicamente nas relações de poder existentes entre as classes. Aqui a ditadura militar, a autonomização do executivo não é efeito da “*burguesa plenamente desenvolvida*”, da sua supermaturidade, da sua ameaça pela revolução proletária e da necessidade para a sociedade burguesa de finalmente entrincheirar contra ela, mas exatamente ao contrário. Aqui é a imaturidade do desenvolvimento burguês, a fraqueza numérica e organizatória da burguesia, à qual ainda se opõem elementos feudais no campo, que ainda não permite uma forte organização política da burguesia. O Exército, principalmente o seu corpo de oficiais, é aqui a mais sólida e desenvolvida organização política. Ele exerce o domínio no lugar da burguesia, a qual ainda não pode exercê-lo. No caso do bonapartismo e do fascismo italiano ela não mais podia exercê-lo na situação dada de lutas de classes.

Sob a mesma aparência externa do fascismo - como na Espanha - escondem-se, portanto, relações de classe, estágios de luta de classes e estágios de desenvolvimento da sociedade burguesa totalmente diferentes. Sem análise de classe concreta cai-se aqui, portanto, teórica e praticamente nos maiores enganos.

Foi levantada pelos nossos companheiros italianos, se estou bem informado, a questão: se imediatamente à ditadura do proletariado deve se seguir à forma de poder de estado fascista ou se ela poderia ser substituída por uma ou outra forma de poder de estado burguês, por exemplo, a república burguesa democrático-parlamentar. A resposta a isso já foi dada por Lênin no II Congresso da Internacional Comunista. Diante da pergunta se a crise do capitalismo deveria levar inevitavelmente depois da guerra à revolução socialista, Lênin respondeu que a resposta a isso não poderia ser dada teoricamente. Não passaria de verbalismo, de escolástica. A resposta a isto, só a luta real poderia dar. A tarefa dos partidos comunistas consistia em prepará-la da melhor forma possível. A mesma resposta sobre o fim do bonapartismo. Esta ou aquela forma da ditadura aberta do capital na sociedade burguesa madura será a forma final ou a última forma de poder do Estado burguês se a classe operária do país como dirigente das demais classes trabalhadoras for suficientemente forte para utilizar a crise do regime para a duradoura instituição da ditadura do proletariado. Isto é decidido pela luta. E isto é decidido tanto pelo fator objetivo como pelo subjetivo: a força real e maturidade da classe operária, sua relação com as demais classes trabalhadoras, a situação da luta de classe internacional e não por último, a força, a maturidade e a capacidade de luta do partido comunista do país em questão.

Uma outra questão é se depois da queda do fascismo na Itália pode seguir a instituição da ditadura do proletariado, imediatamente, sem um elemento intermediário. Na França, como é conhecido, seguiu-se depois da queda do bonapartismo em 4 de setembro de 1870, como elemento intermediário a república com Thiers, Favre e Cia., os legitimistas e orleanistas da burguesia e os proprietários de terra, à cabeça. Só depois que eles fracassaram, seguiu-se a Comuna, em 18 de março de 1871. O período intermediário burguês-republicano, no qual elementos democrata-burgueses provisoriamente chegam ao poder é por muitos motivos gerais também possível na Itália, até provável. Ele pode durar meses, semanas, até alguns dias. Pode assumir formas de um duplo poder ou outras formas singulares. Porém conforme a experiência histórica e relação de classes italiana será necessário um certo tempo e uma certa experiência de massas, para destruir as ilusões e esperanças democráticas pequeno-burguesas na massa da pequena-burguesia, dos

camponeses e também em setores do operariado. Não depende da vontade do Partido Comunista se uma tal etapa intermediária surge ou se será queimada. Mas de qualquer forma depende dele em boa medida quão fortes são as posições de poder que a classe operária tomou no momento da queda do fascismo e quão rapidamente ela supera este estágio intermediário.

Uma outra consequência que tiramos dos resultados obtidos até agora, é que a ditadura aberta do capital em outros países que não a Polônia, Itália, Bulgária pode assumir outras formas e provavelmente assumirá outras que não a destes países. Certos traços serão os mesmos, outros serão diferentes. Construí-los teoricamente de antemão é impossível. As formas de ditadura aberta da burguesia não são, porém arbitrárias, elas não são possíveis em qualquer situação da luta de classes e em qualquer correlação de classes. Elas estão ligadas a correlações e situações da luta de classes bem definidas, as quais foram citadas acima.

É hoje bastante geral na burguesia dos países capitalistas plenamente desenvolvidos a vontade de demolir o sistema parlamentar, de restringi-lo, de criar garantias políticas mais fortes para o domínio burguês. Estas correntes são principalmente visíveis naqueles países capitalistas avançados como Inglaterra, Alemanha, França, que foram mais ou menos abalados social e economicamente pelo resultado da guerra. Isto caminha na direção do fascismo, pode levar em situações críticas a formas de ditadura aberta do capital. Estas, porém não precisam ser idênticas àquelas do fascismo.

Nesta questão precisa-se ainda esclarecer o seguinte: o esvaziamento do regime burguês se dá paulatinamente e a própria burguesia é o principal agente disso. Marx, no 18 Brumário, caracteriza exatamente este processo de esvaziamento em cada uma de suas etapas.

O surgimento da própria ditadura aberta só pode se dar através de um salto, um golpe de estado, no qual a própria burguesia é um elemento passivo. Cabe a ela criar as condições para que ela possa ser "salva" socialmente, e violentada politicamente. É, porém o herói do golpe de estado que se encarrega da própria violentação. Sempre se encontra o indivíduo ou a organização para isto, se existir a necessidade. As organizações correspondentes são incentivadas ativa ou passivamente pela própria burguesia.

O regimento *Noske* na Alemanha foi sem dúvida um regime de aberta violência contra-revolucionária. Porém, a forma de estado não era fascista. A experiência *Noske* não foi nenhuma "autonomização do executivo". Ela conduziu a uma tentativa nesta direção já que criou um domínio do sabre. Mas esta tentativa do poder militar executivo, o "*Kapp—Putach*", malogrou.

Do que foi dito, tiro a conclusão de que é necessária uma análise mais exata e profunda do fascismo e das formas e condições da ditadura aberta do capital, do que a análise dada no capítulo correspondente do Projeto de Programa.

*(Fonte: Revista Marxismo Militante Exterior nº 1, outubro de 1975).*